

Pós-modernidade: performance, fachada, vigilância e controle nos aplicativos de transporte particular

Post-modernity: performance, face, surveillance and control in private transport applications

Anderson Luan Santana SIQUEIRA¹

Resumo

No episódio Queda Livre, da série *Black Mirror*, a sociedade é totalmente controlada por avaliações, através de uma tecnologia no smartphone e conectada aos corpos das pessoas. Na vida real, semelhanças ocorrem nos aplicativos de transporte particular que se popularizaram nos últimos anos, como o *Uber* e *99*, em diversas grandes cidades. Estas tecnologias utilizam avaliações bilaterais entre motoristas e passageiros com o intuito de oferecer uma melhor experiência para ambos mas promovem um controle no comportamento das pessoas. Com base nisso, este trabalho aborda uma perspectiva da sociedade pós-moderna que se apresenta com características performáticas e de fachada, próprias da identidade cultural contemporânea, formada por indivíduos que sofrem e geram coerção, reafirmando a ideia de vigilância e controle cotidiano.

Palavras-chave: Aplicativos de transporte. *Black Mirror*. Fachada. Performance. Pós-modernidade.

Abstract

In the episode Nosedive, of the series *Black Mirror*, the society is totally controlled by evaluations, through a technology in the smartphone and connected to the bodies of the people. In real life, similarities occur in private transport applications that have become popular in recent years, such as *Uber* and *99*, in several major cities. These technologies use bilateral assessments between drivers and passengers in order to provide a better experience for both but promote control over people's behavior. On the basis of this, this work approaches a postmodern society perspective that presents itself with performative and face characteristics, characteristic of contemporary cultural identity, formed by individuals who suffer and generate coercion, reaffirming the idea of vigilance and daily control.

Keywords: Transport applications. *Black Mirror*. Face. Performance. Postmodernity.

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: andersonluanss@gmail.com

Introdução

Os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs) se deram concomitantes às transformações da sociedade. Nessa perspectiva, passamos da Idade Moderna, iniciada no século XV, finalizada a partir da Revolução Francesa e do pensamento iluminista, e atingimos a pós-modernidade, através das mudanças no pensamento da técnica e transformações da sociedade em contato com TICs. Nessa nova configuração, o sujeito tido como pós-moderno vivencia um abalo da sua identidade e subjetividade, antes solidificadas na Era Moderna. Para Hall (2006, p.12), “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”.

Essas transformações ocasionaram a perda de costumes, valores e práticas estáveis. Houve alteração na vida cotidiana e nas relações humanas em todos os aspectos, conforme analisa Mello (2011, p. 246) que, “em meio à fragmentação do mundo, as novas formas de expressão e comunicação produziram profundas implicações na experiência cotidiana, nas formas em que nos relacionamos com o próprio eu, com os outros e com o mundo”.

Ainda assim, permanece o ajustamento de conduta em atendimento às cobranças da sociedade, os indivíduos se sujeitam a comportamentos pautados por performances como numa atuação teatral. A partir dessa afirmação, Goffman (2005, p.30) discorre que a performance está presente no desempenho de papéis na proporção em que a sociedade segue o comportamento aprendido nas relações cotidianas.

Este é o espaço retratado no episódio inicial da terceira temporada de *Black Mirror*, Queda Livre: um ambiente conectado, onde indivíduos estão à procura de boas avaliações. Através do método de avaliações bilaterais, a protagonista Lacie Pound usa de uma fachada em vista de boas aparências, sempre simpática, com excelentes conversas e elogios para alcançar boas notas das demais pessoas do seu convívio. Segundo Goffman (2012, p.13):

A fachada pode ser definida como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termo de atributos sociais

aprovados - mesmo que essa imagem possa ser compartilhada - como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de si mesma.

Tais artifícios utilizados pela personagem serão discutidos através dos conceitos de performance e fachada na perspectiva de sujeito pós-moderno em uma sociedade de controle. Utilizaremos os exemplos trazidos no episódio para mostrar o quanto essa realidade já faz parte do dia a dia em sociedade. Para mostrar essa relação entre o fictício e o real, trataremos o uso dos aplicativos de transporte particular mais populares, o *Uber* e *99*, visto que motoristas e clientes estão em constante avaliação e cobrança de comportamentos em busca do mesmo objetivo da personagem da série: aprovação e boas pontuações.

Em paralelo ao funcionamento do aplicativo estadunidense *Uber*, desenvolvido em 2009, por Garret Camp e Travis Kalanick, e do *99*, criado no Brasil em 2012 por Paulo Veras, Renato Freitas e Ariel Lambrecht, ambos aproximam serviços e pessoas que estão com mesma pontuação, um passageiro com nota baixa só conseguirá motoristas não tão bem avaliados. Além de que há um limite para o nível dessa pontuação, que pode gerar expulsão em caso de más avaliações recorrentes.

Isso é muito *Black Mirror*

O produto cinematográfico *Black Mirror* é uma série de ficção científica criada e escrita por Charlie Brooker, lançada em 2011 no canal de televisão britânico *Channel 4*, mas em 2016 a maior plataforma de *streaming* global, *Netflix*, passou a ser detentora dos direitos autorais da produção audiovisual.

A série mostra de forma clara e objetiva como os grupos sociais tornam-se vítimas da tecnologia em um futuro próximo, ironizando a sociedade e sua relação com a paranoia tecnológica contemporânea. A inquietação coletiva dá ênfase às transformações que vêm ocorrendo em todos os aspectos de nossa vida: em nossos lares, ambientes de trabalho e nas ruas há uma tela de plasma, um monitor, um *smartphone* para cada pessoa.

Cada episódio de *Black Mirror* conta com personagens e histórias diferentes, mas trazem em seu enredo a tecnologia e sua integração na sociedade no futuro. O

primeiro episódio da terceira temporada, *Queda Livre*, foi lançado na *Netflix* em 21 de outubro de 2016 e será o recorte utilizado neste artigo.

O enredo conta a história de Lacie Pound, interpretada pela atriz Bryce Dallas Howard, uma aspirante à alta classe que vive por atitudes que possam garantir boas notas à sua imagem. Na sociedade em que ela vive, as pessoas avaliam-se com notas de zero a cinco estrelas durante o dia a dia, com simples atividades que vão de um cumprimento no elevador até um café da manhã tomado numa lanchonete da esquina com o propósito único de alcançar a nota máxima.

Lacie inicia o episódio praticando exercícios físicos e sempre com o celular para avaliar os demais, ela está com uma nota 4.2. Por onde anda, é possível ver as notas de cada pessoa através da tecnologia acoplada em seu olho, estando sempre preocupada com sua pontuação. Ela almeja residir em um condomínio de alto padrão, o *Pelican Cove*. No entanto, as taxas do condomínio são muito altas e, para ganhar descontos, ela precisa de uma nota acima de 4.5.

Imagem 1. Lacie tirando foto do café da manhã para postar em rede social e receber boas avaliações.



Fonte: *Netflix*, 2016²

A protagonista de *Queda Livre* mora com o seu irmão, Ryan, que manifesta um comportamento diferente, pois não tem interesse nas avaliações e critica as atitudes da

² Disponível em:

<<https://www.netflix.com/watch/80104627?trackId=14277283&tctx=0%2C0%2Cf89249d4-ec65-429f-9f6d-f2d15d16b4f4-52146555>>. Acesso em: 20 mar 2019

irmã para alcançar boas notas. Neste sentido, ele se apresenta como um homem consciente dos malefícios das avaliações na vida dos indivíduos, embora esteja vivendo no mesmo contexto social.

Das telas para o mundo real: os aplicativos de transporte particular

A referida avaliação e consequente pontuação se assemelha à metodologia utilizada pelos aplicativos de transporte particular, nos quais motoristas e passageiros avaliam um ao outro, atribuindo uma ou cinco estrelas, quanto à pontualidade, cordialidade e outros aspectos que podem ou não reduzir a pontuação do usuário, resultando na expulsão do serviço.

Tais aplicativos surgem como uma segunda opção aos tradicionais serviços de táxi, com uma proposta de custo mais baixa e acessível à população, além de ser convidativa aos motoristas, que pagam apenas uma taxa para trabalharem na plataforma. O número de usuários desses aplicativos de serviços de transporte particular cresce cada vez mais. Além dos cupons de desconto nas viagens e preços mais acessíveis, a qualidade no atendimento é um dos diferenciais frente os tradicionais serviços de táxi.

Segundo as empresas *Uber* e *99*, mais populares do segmento, essa avaliação bilateral é necessária para que seja mais fácil monitorar e verificar a qualidade do serviço prestado pelo aplicativo de transporte. Esse modelo de negócios pós-moderno procura satisfazer necessidades específicas do indivíduo através da persuasão do aumento do nível de vida, que também lembra as situações vividas pela personagem na série:

Os sistemas pós-industriais reúnem empresas e Estado para racionalizar a produção e a organização social pela tecnociência programadora. Buscam a constante elevação do nível de vida pelo consumo acelerado de bens e serviço, que são cada vez mais diversificados. Ricos, oferecem uma variada gama de mercadorias, de modo a fragmentar o social em faixas de mercado, e nelas visar o indivíduo, arrebanhá-lo para o consumo personalizado. (SANTOS, 1997, p. 28).

Neste sentido, tais aplicativos aparecem dentro desse contexto de empresas que buscam fragmentar o social em faixas de mercado. Num contexto pós-moderno, os

indivíduos estão continuamente em busca dos próprios prazeres, através do consumo desenfreado estimulado em todos os ambientes e meios, desde produtos desnecessários no momento até serviços absurdos. Assim sendo:

O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais já se esboçava no mundo moderno, o industrial. Na atualidade pós-moderna, ele ficou agudo, bandeiríssimo, porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista. (SANTOS, 1997, p. 73)

Na avaliação bilateral, se o motorista chegar à uma nota média de 4,6 estrelas, será contatado para melhorar o serviço ou será excluído. Quanto aos usuários, caso tenham baixa avaliação, além de conseguir apenas motoristas com nota equivalente ou menor à dele, poderá ter solicitações de viagens recusadas. Ademais, neste mundo globalizado onde existe uma constante vida online, há o compartilhamento de posicionamentos acerca do que lhe foi oferecido, por exemplo, nas redes sociais ou no círculo pessoal de amigos, o que pode levar outros clientes desistirem de utilizar o serviço.

Comportamentos grosseiros, como discussões e esbarrar em alguém na rua geram notas inferiores na série. Atrasos, sujeira e falta de respeito diminuem a pontuação nos aplicativos de transporte particular. Neste aspecto, há um controle e disciplinamento de motoristas e passageiros que, em diversas situações, poderão se omitir ao longo do trajeto para ganhar a nota máxima no aplicativo.

Queda livre no mundo real

Em Queda Livre, muitas vezes fingindo um sorriso, Lacie sempre encontra uma forma de tentar passar uma imagem agradável e gentil, tendo bastante cuidado com as vestimentas, sempre maquiada e com aparência serena. Ela sofre uma coerção social, e busca, através de uma fachada, boas avaliações. O mesmo ocorre com usuários de aplicativos de transporte particular, a exemplo do Uber e do 99, que precisam desenvolver uma performance que agrada o outro que está no carro, por exemplo, não demonstrando mau humor causado pelo engarrafamento no trânsito.

Lacie quer concretizar sua ascensão social, então busca uma espécie de consultor de reputação que avalia os motivos pelos quais sua pontuação não tem se elevado. Um desses motivos é o círculo de pessoas que estão ao redor dela, então a personagem busca se afastar de pessoas que possuem avaliações inferiores às suas, tentando uma maior aproximação com aqueles que têm boas notas. Ela cria um estigma das pessoas mal avaliadas.

Naomi, amiga de infância da protagonista, tem nota 4.8, reside em uma ilha particular e possui uma longa rede de pessoas com notas altas. Ela convida Lacie para ser dama de honra no seu casamento após ter visto uma postagem feita por ela de um antigo brinquedo de sua infância. Lacie então vislumbra uma oportunidade de aumentar sua nota, já que na ocasião estaria rodeada de pessoas com ótimas avaliações.

Ao fingir que Naomi não fora anos atrás hostil com ela, ela acredita que com um bom discurso na cerimônia, enaltecendo sua amiga e se mostrando muito doce para os convidados, sua avaliação aumentaria e ela poderia morar no imóvel que tanto deseja. Neste aspecto, ela sofre uma coerção social, pela qual ela passar a enxergar que a única saída é ser aquilo que não é, para se enquadrar no meio.

Entretanto, após aceitar o convite, sua obsessão começa a tornar o cenário desastroso. Inicialmente, seu voo é cancelado e ela é proibida de pegar outros voos, visto que sua nota é inferior à necessária para viajar em outra classe da companhia aérea e, ao saber disso, discute no aeroporto. Isso acarreta uma punição dos seguranças, que diminuem a sua nota para 3.1 durante 24 horas como punição; além disso, as avaliações negativas que receber durante esse período de tempo diminuem sua pontuação de forma multiplicada.

Sem conseguir outro voo, ela decide alugar um carro. Porém, também existe uma segregação entre os modelos disponíveis e ela só consegue um carro antigo que logo falha. Desesperada, ela decide então pedir carona, mas as pessoas a ignoram devido à sua baixa pontuação, onde alguns até a avaliam negativamente.

Imagem 2. Lacie pedindo carona para chegar ao casamento.



Fonte: Netflix, 2016³

Uma senhora chamada Susan, motorista de caminhão com baixa avaliação, a vê e lhe oferece uma carona. Inicialmente, Lacie hesita devido à pontuação da caminhoneira, mas termina aceitando. O ato de hesitar com base nesse critério deixa explícito o estigma em relação às pessoas de avaliações baixas.

A motorista expõe já ter sido parte do grupo seletivo com excelentes avaliações da sociedade, porém perdeu tudo e ficou sem vontade de seguir o modelo de avaliações imposto depois que seu esposo faleceu de câncer por não conseguir o tratamento, já que ele tinha nota 4.3 e era necessário 4.4 para isso. O mesmo ocorre com usuários dos aplicativos, que podem não conseguir um motorista disposto a fazer sua corrida tendo em vista sua baixa pontuação.

Já próxima do local do casamento, a protagonista recebe uma ligação da amiga desconvidando-a da cerimônia após tomar conhecimento da sua redução na nota, o que a deixa irritada e agora mais desesperada para conseguir ir à festa de qualquer forma. Ela então consegue adentrar na ilha de forma ilegal e surpreende a todos, pois sua aparência está fora dos padrões, suja e com roupas rasgadas.

³ Disponível em:

<:https://www.netflix.com/watch/80104627?trackId=14277283&tctx=0%2C0%2Cf89249d4-ec65-429f-9f6d-f2d15d16b4f4-52146555>. Acesso em: 20 mar 2019

Ao iniciar um discurso repleto de devaneios e xingamentos, ela discute com os convidados, incluindo o noivo da sua amiga. Descontrolada, Lacie é presa e lhe retiram a tecnologia de avaliação instalada no olho. Essa cena apresenta o duro fardo de se enquadrar nos padrões, muitas vezes inalcançáveis. Em seguida, a levam para uma cela, onde outros presos estão - cada um em uma cela de vidro isolada - e eles começam a discutir, algo que não podiam fazer antes, o que deixa aparente que estão mais aliviados de todo o controle que sofreram.

Coerção social e padronização de comportamentos

No âmbito do convívio em sociedade, existe a influência do meio e uma coerção em prol de uma padronização de comportamentos, gostos e aparência, conforme apresentado em *Queda Livre* e no funcionamento dos referidos aplicativos. Esse processo de influência entre os indivíduos, que perdura até a era pós-moderna, tem traços de controle imputados através do fato social que tomam forma de opressor:

É nítido pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença deste poder é reconhecível, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-lo. (DURKHEIM, 2002, p. 12).

Nesse aspecto das relações humanas, estamos sempre em contato com outros indivíduos sofrendo influências, ainda mais agora com os meios tecnológicos. Num contexto atual, por meio das TICs, podemos visualizar que na Internet, as redes sociais e os aplicativos de transportes de passageiros, por exemplo, estão cada vez mais pautados pelo controle para promover padrões de comportamento e influenciar atitudes em prol de boas experiências para quem os utiliza. Da mesma forma, são reservadas penalidades aos transgressores, que podem até retirar o direito de usufruir de tais benefícios.

Isso está evidenciado em *Queda Livre*, que explicita algo presente em nossa realidade. Ao atingir uma determinada nota, a protagonista poderá sair de uma casa mais simples para um condomínio de alto padrão, mas quando se estressa no aeroporto, é penalizada e tem privilégios reduzidos. Ela está numa sociedade que estimula total dependência de avaliações, que cobram padrões de estilos e comportamentos,

segregando grupos, num sistema que privilegia alguns e exclui outros, desde as melhores moradias a empregos e tratamentos de saúde.

Nesse cenário, isso tem relação com nossa realidade, na qual os indivíduos mal avaliados são estigmatizados. O estigma se dá a partir de características corporais e sociais que fogem aos padrões impostos, sobre os quais foi feita uma tentativa de exibição ruim e incomum no status moral da pessoa que os apresenta, a exemplo de condição de pobreza no contexto de uma sociedade capitalista que supervaloriza bens. “A sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria.” (GOFFMAN, 1980, p.14)

Assim, através de tais avaliações que se baseiam em notas, têm-se a repreensão de posturas inadequadas, que podem resultar em bloqueio, prejuízos financeiros e imagem manchada frente um grupo de usuários, situação que exerce controle sobre o sujeito. Isso é mostrado em toda a trajetória da personagem principal, que passa por situações difíceis quando está com nota baixa.

Os aplicativos *Uber* e *99* seguem esta linha. Motoristas são avaliados pelo serviço que foram oferecidos aos passageiros no próprio sistema da empresa e vice-versa. No entanto, as críticas feitas dentro deste cenário são voltadas para a relação entre motoristas e passageiros onde a nota é o que mais importa. Neste aspecto, há um controle e disciplinamento de motoristas e passageiros que, em diversas situações, poderão se omitir ao longo do trajeto para ganhar a nota máxima no aplicativo.

Considerando o que foi defendido por Goffman (2012, p.13), que “todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes”, a série *Black Mirror* apresenta uma espécie de contágio de atitudes através das cobranças externas refletindo em cobranças para o próprio indivíduo.

Essas cobranças têm como objetivo o controle dos indivíduos, que está presente na sociedade antes do advento das tecnologias evidenciadas no episódio, bem como, na vida contemporânea dos sujeitos pós-modernos. Foucault (1998, p. 143) afirma que “bem no início do século XVIII, se falava da correta disciplina, como uma arte do bom adestramento”. Mesmo tantos anos depois, essa medida ainda é utilizada e isso significa que a nossa sociedade está em constante vigilância visando controle há muitos séculos.

Esse controle repercute em todos os aspectos da vida de Lacie, sua alimentação, como se apresenta aos demais e os seus ideais de felicidade, por exemplo. Para tentar conquistar o que sonha, Lacie usa uma fachada, escondendo suas frustrações, raiva e desespero, fingindo sorrisos, gentilezas, gostos e atitudes para ter uma boa pontuação. O mesmo ocorre com os usuários do *Uber* e do 99, em vista de não serem penalizados.

Quando um ator social mantém a fachada mais aceita nas diversas situações cotidianas, ele age da forma certa. Segundo Goffman (2012), os demais atores envolvidos naquele meio tendem a tratá-lo com respeito e consideração, caso que acontece com Lacie. Ao mesmo tempo, existem comportamentos que não são socialmente tolerados e causam a perda da fachada, gerando descrédito daqueles que agem destas formas.

Em meio às mudanças da sociedade que culminaram na pós-modernidade, a efemeridade de identidades termina reforçando o próprio eu, onde “as transformações pelas quais passamos afetam o modo com que os indivíduos configuram suas experiências subjetivas e afirmam suas personalidades e identidades.” (MELLO, 2011, p.247). Há uma luta constante em busca de garantir uma identidade própria, mesmo que cíclica. Tudo isso trouxe também aspectos negativos.

Assim acontece cada vez mais a espetacularização da vida privada, devido à uma constante e negativa necessidade de supervalorização de si próprio:

Desabrochava desse modo, com todos seus fulgores, o império dos indivíduos únicos e incomparáveis. Neste novo quadro, a liberdade perde sua vocação universal, tornando-se um meio para a realização pessoal de cada sujeito em sua gloriosa particularidade. Em lugar da autonomia relativa ao gênero humano em seu conjunto, à busca do bem comum e à emancipação coletiva, o que se valoriza aqui mais vivamente é a singularidade individual. (SIBILIA, 2008, p.107)

Quando a personagem da série se depara com um colega de trabalho com baixa avaliação que precisa de sua ajuda para voltar ao trabalho, ela o ignora por medo de manchar sua imagem. Já um motorista ao se deparar com o chamado de um passageiro mal pontuado, hesita aceitar a corrida. Isso mostra a coerção sofrida, na qual “a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1998, p. 143).

Além disso, há um resultado do culto ao ego como forte característica do sujeito pós-moderno, segundo Santos (1997, p. 86):

Apatia social e sentimento de vazio povoam a galáxia cotidiana pós-moderna, que gira em torno de um só eixo: o indivíduo em suas três apoteoses - consumista, hedonista e narcisista). [...]E a paixão por si mesmo, a glamourização da sua auto-imagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, o entregam a um narcisismo militante.

Mas o narcisismo e a vida voltada para o próprio bem-estar também são reflexos da coerção social, visto que o extremo culto a si é, possivelmente, uma tentativa de supervalorizar-se, adequando-se aos padrões impostos e criando um esfriamento com aqueles que estão, por exemplo, em situação de subordinação. Essa é a realidade do controle de qualidade da prestação de serviços. No contato entre clientes e empresas, tornou-se comum, ao concluir um atendimento em uma loja física ou o serviço de por telefone, a avaliação colocando notas para o atendimento. Essas notas tanto podem causar retaliação e demissão, como também bônus para os funcionários.

Vê-se então que “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar” (FOUCAULT, 1998, p. 143). Essa coerção ocorre para que, no atendimento, mesmo que o cliente esteja sem razão, lhe sejam atendidas suas exigências para atingir as metas de bom atendimento na empresa.

Graças ao controle exercido por um poder superior, segundo Foucault (1998), há uma compreensão de uma força que reverbera e faz parte de cada espaço das relações no interior das sociedades, de forma que o poder se torna disciplinar. Poder, neste caso, que está acima do motorista e do usuário, visto que a empresa controla o seu prestador de serviço, como também, pode excluir um mau usuário e impedi-lo de usufruir do mesmo serviço.

Considerações finais

Com base na definição de Stuart Hall acerca da efemeridade da identidade dos sujeitos, foi possível constatar na análise do episódio Queda Livre uma forte relação com a sociedade pós-moderna, atestada pela lógica de funcionamento dos aplicativos

Uber e 99, de forma que é constante o controle através de avaliações, que interfere ainda mais na construção da identidade do indivíduo e nas suas relações humanas, reforçando a rápida transição de identidades.

Chegamos a conclusão de que *Black Mirror* retrata claramente um contexto de avaliação existente no mundo pós-moderno em diversas situações, como foi observado no funcionamento dos referidos aplicativos. Mesmo levando em conta que a tecnologia auxilia em diversos aspectos para melhorar a vida dos indivíduos, desde a mobilidade até a construção de laços afetivos, é possível atestar que as TICs colaboram para a superficialidade das relações sociais, seja entre indivíduos e empresas, sendo utilizadas para coerção e controle social de comportamento e padrões.

Atestamos uma inversão nos valores sociais onde os indivíduos estão se transformando em sujeitos em busca de boas avaliações, muitas vezes fingindo ser quem não são, e isso vai muito além dos aplicativos de transporte individual. A partir dessa afirmação, reitera-se que “quando as redes digitais de comunicação teceram seus fios ao redor do planeta tudo começou a mudar vertiginosamente, o futuro ainda promete outras metamorfoses.”, (SIBILIA, 2008, p.12)

O futuro cada vez mais tecnológico, apresentando em *Black Mirror* e evidenciado nos aplicativos de transporte particular, se mostra sombrio, repleto de vícios construídos historicamente no campo da coerção social. É nítido os benefícios que o bom status social em rede traz e, possivelmente, ele permanecerá contribuindo para benesses e regalias de certas pessoas, como também uma diferenciação dos demais indivíduos, numa espécie de segregação de grupos.

Desta forma, a reprodução de comportamentos padronizados, da exclusão e da discriminação daqueles que se desviam, sintetiza a permanência de performances e fachadas na sociedade, que pode aumentar o número de indivíduos estigmatizados, excluídos socialmente

Referências

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 17. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

MELLO, F. C. C. Eu, você e todos nós. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n.30, p. 245-249, 2011.

Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3898>>. Acesso em 18 mar 2019

Netflix - Página Inicial. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 08 mar 2019

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Uber - Como funciona. Disponível em: <<https://www.uber.com/pt-BR/ride/how-uber-works/>>. Acesso em 13 mar 2019.

WRIGHT, Joe (dir.). **Nosedive**. In: **Black Mirror**: the complete third series. Londres: Endemol UK, 2016.

99 - Como Funciona. Disponível em: <<https://99app.com/seguranca/>>. Acesso em: 11 mar 2019.